

O uso de dêixis por um paciente afásico e a manutenção da intersubjetividade no contexto da telefonaudiologia

The use of deixis by an aphasic patient and the maintenance of intersubjectivity in the context of speech-language teletherapy

Lívia Miranda de Oliveira¹ Carolina Scali Abritta² Krícia Helena Barreto³

Universidade Federal de Sergipe, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto Federal de São Paulo

RESUMO

Este artigo se propôs a investigar o uso dêixis por um afásico a fim de compreender o gerenciamento da intersubjetividade na interação no contexto institucional da telefonaudiologia. As análises da fala em interação foram subsidiadas teórico-metodologicamente sobretudo por estudos da Análise da Conversa, contando também com contribuições advindas do campo da Pragmática sobre dêixis. Os dados naturalísticos, gravados em vídeos, foram transcritos de acordo com convenções sugeridas por autores da área e analisados sequencialmente. Os resultados das análises revelaram que o paciente afásico, habilidosamente, valendo-se do uso de dêixis associadas a gestos, orientou as interpretações dos seus interlocutores acerca da sua fala/ das suas ações, garantindo, assim, o sucesso da comunicação por vias multimodais.

PALAVRAS-CHAVE:

Dêixis. Afasia. Telefonaudiologia.

ABSTRACT

This article aims to investigate the use of deixis by an aphasic patient in order to understand the management of intersubjectivity in interaction in the institutional context of speech-language teletherapy. The analysis of talk in interaction was theoretically and methodologically supported mainly by studies on Conversation Analysis, and it also counted on contributions from the field of Pragmatics on deixis. The naturalistic data, recorded on videos, were transcribed according to the conventions suggested by authors in the field and analysed sequentially. The results of the analysis revealed that the aphasic patient, making use of deixis associated with gestures, skillfully guided the interpretations of his interlocutors about his speech/actions, thus ensuring the success of communication through multimodal ways.

KEYWORDS:

Deixis. Aphasia. Speech-language teletherapy.

Recebido em: 30-07-2022

Aceito em: 10-12-2022

¹ E-mail: liviamirandaoliveira@academico.ufs.br ORCID <https://orcid.org/0000-0001-8180-0242>

² E-mail: carolabritta30@gmail.com ORCID <https://orcid.org/0000-0001-7638-7764>

³ E-mail: kricia.barreto@ifsp.edu.br ORCID <https://orcid.org/0000-0002-9478-6360>

1. Introdução

A Análise da Conversa fornece aos estudiosos da fala em interação social um valioso aparato teórico-metodológico para investigar dados naturalísticos. Aos estudos que se afiliam a essa abordagem êmica, interessa analisar o que é tornado relevante pelos participantes no turno a turno das interações sociais.

Germinada no terreno da microsociologia em meados da década de 1960, a AC ganhou o mundo, dedicando-se à descoberta, descrição e análise de ocorrências metódicas, de procedimentos formais que são utilizados na realização de ações sociais cotidianas. Conforme relembram Ostermann e Garcez (2021), no Brasil, desde o início dos anos 2000, a AC já vem conquistando representatividade através dos estudos de Gago (2003), Garcez (2002) e Ostermann (2002).

No que concerne ao campo da fonoaudiologia, no Brasil, são escassos os estudos que se valem da AC como abordagem teórica e metodológica, não havendo referências sobre o fenômeno aqui investigado – o uso de dêixis por afásicos – em trabalhos nessa perspectiva epistemológica. Oliveira, Dias e Leite (2019), Oliveira e Dias (2018), Oliveira e Andrade (2016), Oliveira (2011) e Oliveira e Oliveira (2009) são estudos que se alicerçaram nessa abordagem para investigar interações com afásicos.

No exterior, a AC adentrou o cenário das terapias fonoaudiológicas em afasia enquanto uma abordagem de intervenção terapêutica (cf. Wilkinson, 2014; 2015), sendo que estudos dos últimos 20 anos fornecem evidências da efetividade dessa abordagem. Conforme nos apresenta Wilkinson (2015), “reportando-se a pesquisas realizadas no Reino Unido, Finlândia, Suécia, EUA, Austrália e África do Sul, as publicações testemunham o crescimento contínuo de um corpo de trabalho que se baseia na AC para fornecer *insights* sobre a natureza da afasia e de interações com afásicos” (p. 257).

Em busca da descrição da organização dos padrões de ação nas diversas atividades da vida humana, foram descritos, pelos autores seminais da AC, o modelo de organização sequencial da conversa (Sacks, 1973), o modelo de tomada de turnos na conversa (Sacks, Schegloff e Jefferson, 1974), o sistema de reparos (Sacks, Schegloff e Jefferson, 1977) e o sistema de preferência (Schegloff, 1995; Sacks, 1973). No que diz respeito aos reparos conversacionais, nos dados aqui analisados se revelam diversas ocorrências de um tipo de reparo considerado raro, o Reparo Iniciado e Levado a cabo pelo Outro (RILCO) (cf. Garcez e Loder, 2005), mas que, em interações

com afásicos, demonstra ser um recurso garantidor de benefícios interacionais aos quais os interlocutores de afásicos lançam mão com frequência (cf. Oliveira, 2011). Além desses modelos que refletem propriedades organizacionais sistemáticas, a agenda investigativa da AC também contempla o fenômeno da intersubjetividade explorado neste artigo (cf. Schegloff, 1992).

Contribuindo para a grande lacuna de trabalhos nacionais da AC no campo da saúde quando se trata da área da Fonoaudiologia e/ou da Afasia, este artigo busca investigar o gerenciamento da intersubjetividade no turno a turno de uma interação entre terapeuta e paciente no contexto institucional da telefonaudiologia, analisando, especificamente, o uso de dêixis por um paciente afásico.

Cabe dizer que o termo afasia refere-se a um comprometimento da linguagem decorrente de lesão neurológica em regiões responsáveis pelo processamento linguístico, que se manifesta em dificuldades de expressão e/ ou de compreensão verbal. O grau de severidade da afasia vai variar, sobretudo, de acordo com o local, a extensão e os tipos de lesão, quais sejam, Acidente Vascular Cerebral isquêmico, Acidente Vascular Cerebral hemorrágico, tumor, traumatismo cranioencefálico, quadros demenciais, infecções virais, entre outros. A afasia pode vir acompanhada de déficits motores nos membros superior e inferior do lado direito do corpo.

1. A intersubjetividade na fala-em-interação

Emanuel Schegloff, um dos grandes expoentes da Análise da Conversa, nos apresenta a intersubjetividade como uma das pré-condições para a organização da vida social (Schegloff, 1992). No artigo que traz o termo “intersubjetividade” em seu título, o sociólogo desenvolve a noção fundamental da existência de uma “cultura comum” ou de um entendimento coletivo do mundo compartilhado entre diferentes seres humanos em sociedade. Neste mesmo trabalho, o autor retoma as palavras de Schutz (1962), dentro do pensamento fenomenológico, que diz: “o mundo não é meu mundo privado, mas um mundo intersubjetivo e, logo, meu conhecimento dele não é assunto privado, mas provém de um princípio intersubjetivo e socializado” (p. 14).

No campo da Etnometodologia, é importante destacar, já havia uma teorização a respeito do conhecimento do senso comum, trazida à discussão, mais notadamente, pelo precursor dos estudos etnometodológicos, Harold Garfinkel (cf. Coulon, 1995). Segundo o autor, os participantes das situações sociais compartilham etnométodos, consistentes em operações interpretativas embasadas por determinados princípios, constituindo a compreensão comum do mundo. E, assim era concebida, a princípio, a noção de intersubjetividade.

A visão da AC, por seu turno, marcará uma distinção aqui em relação aos etnometodólogos e irá acrescentar que para ela

a intersubjetividade não seria, então, mera convergência entre vários intérpretes do mundo (sejam eles entendidos em termos de substância ou de procedimento), mas sim a potencial convergência entre os “realizadores” de uma ação ou de uma parcela de conduta e seus recipientes, como coprodutores de um incremento de uma realidade social e interacional. Nesse contexto, a intersubjetividade não é uma questão de uma interseção generalizada de crenças ou conhecimento, ou de procedimentos para gerar crenças ou conhecimento. Nem surge como “um problema de intersubjetividade”. Em vez disso, aspectos específicos de parcelas específicas de conduta que compõem o padrão e a tessitura da vida social cotidiana criam as ocasiões e os recursos para o entendimento, que podem incluir também os entendimentos problemáticos. E é esse situar da intersubjetividade que será de interesse aqui (SCHEGLOFF, op. cit., p. 1299).

Assim considerada, vê-se que a AC concebe a intersubjetividade como fenômeno interacional e sequencial, colocado em operação turno-a-turno, quando os participantes de uma interação se orientam para compreensões mútuas do que está acontecendo no aqui e no agora (Heritage, 2007). Desse modo, “em cada turno, o interagente está demonstrando seu entendimento (ou não) da fala anterior do outro. Em contrapartida, quando dois interagentes estão orientados para aspectos distintos sobre o que está acontecendo aqui e agora ocorre então um problema de intersubjetividade” (Borges & Ostermann, 2012, p. 186-187).

Para lidar com questões que põem em risco a intersubjetividade na fala-em-interação social, os interagentes lançam mão do reparo, um dos sistemas considerados fundamentais para a organização da conversa, segundo Sacks, Schegloff e Jefferson (1977). O reparo se relaciona, assim, às “práticas para contornar problemas ou obstáculos ao falar, ouvir, e compreender a fala na conversa (ou em outras formas de fala-em-interação, diga-se de passagem)” (Schegloff, 1997, p. 503). É através da utilização do sistema de reparo que a compreensão mútua a respeito do que está acontecendo na interação vai sendo mantida.

Sacks, Schegloff e Jefferson (op. cit.) ressaltam que o reparo não se iguala à prática de correção: enquanto a correção se refere à substituição de algo “errado” por algo “correto”, o reparo tem como foco a tentativa de resolução de um problema interacional identificado pelos participantes. A resolução de tais problemas pode requerer dos interagentes a suspensão ou interrupção do curso de suas ações para resolvê-los, com o propósito de restabelecer o entendimento comum e garantir a manutenção da intersubjetividade.

Uma das trajetórias de reparo mais relevantes para os dados que serão analisados neste trabalho é a ocorrência do reparo iniciado e levado a cabo pelo outro (RILCO) (cf. Garcez e Loder, 2005). A ocorrência dessa trajetória de reparo é descrita, na literatura, como rara e despreferida em conversas cotidianas, uma vez que potencialmente cria constrangimento para o participante

reparado. No entanto, como se verá a seguir, o RILCO é apresentado, aqui, como importante na sistemática para a manutenção da intersubjetividade no discurso de afásicos (cf. Oliveira, 2011).

Conforme Schegloff (1992) demonstra em suas análises, a intersubjetividade deve ser invocada localmente, conforme as circunstâncias e os participantes a tornam relevante. Assim, o contexto institucional no qual as análises da fala-em-interação com afásicos ocorrem parte do entendimento de que este é um lugar em que a construção e a manutenção da intersubjetividade entre fonoaudióloga/terapeuta e paciente devem ser tarefa primordial.

2. O fenômeno multimodal da dêixis

As expressões dêíticas ou indiciais emergem, por excelência, como um dos objetos de análise da Pragmática, já que codificam na língua sua referência indeterminada e sua inegável ancoragem contextual. É clássico na literatura da área o caso dos advérbios de lugar e tempo como, por exemplo, aqui e agora, lembrados por Levinson (2007 [1983])¹. Fica explícito nos dêíticos aquilo a que a Pragmática, filiada a filósofos como Wittgenstein (1999 [1952]) e Austin (1990 [1962]), vai estender a toda à linguagem: a construção de sentido não pode, de forma alguma, abrir mão de informações advindas da ecologia local dos encontros interacionais ou dos tipos de atividade em que nos envolvemos. Este caráter indicial da linguagem será também defendido pela Etnometodologia (Garfinkel, 2018 [1967]); e bastante explorado dentro dos estudos da Análise da Conversa, conforme veremos, por exemplo, em Goodwin (2000), quando nos mostram a maneira como a dêixis está situada na coconstrução da ecologia local dos sentidos, moldando e sendo moldada no contexto de uso da linguagem (Mondada, 2015).

No caso específico dos termos dêíticos, podemos ver palavras ou expressões linguísticas desempenhando funções indiciais de *dêixis pessoal* – que nos apontam quem está ali desempenhando o papel de falante ou produtor do discurso (por ex., o pronome pessoal *eu*), ouvinte (*tu, você*) e dos circunstantes ou daqueles de quem se fala (*ele/a*); de *dêixis temporal* e *espacial* – que nos apontam informações do momento e do lugar em que a discurso se ancora e para onde e quando se projeta no tempo-espaço (*aqui* e *agora*), e, ainda, as funções de *dêixis discursiva* ou *social* – que projetam, respectivamente, informações sobre porções do discurso mencionadas ou ainda por mencionar e informações de ordem identitária mais precisas sobre os sujeitos discursivos (os pronomes de tratamento são um clássico aqui, *vossa excelência*). Todas essas funções estão minuciosamente descritas no clássico Pragmática de Levinson (2007 [1983]), pensando especialmente no código verbal.

Porém, temos visto em estudos mais recentes da AC marcas dêiticas em elementos não verbais. São pesquisas que trabalham o fenômeno linguístico sob o prisma da multimodalidade, e, assim, veem a linguagem em e como ação performativa (Mondada, 2015). Neste ponto, encontramos o caráter multimodal da dêixis, fenômeno linguístico descrito, antecipadamente, em Goodwin (2000) como corporificado em gestos e olhares. Dito de outro modo, por exemplo, nos nossos gestos de apontar e nos modos de direcionar o olhar (Sidnell e Enfield, 2017), temos ali algumas das formas de expressão do caráter dêítico desses atos linguísticos não verbais, mas não menos próprios da linguagem.

Bastos (2010) já destacava a obra de Charles Goodwin como referência nos estudos que reconhecem o caráter multimodal da linguagem e, mais, a autora colocava em relevo o fato de este autor “documenta(r) a sincronia dos múltiplos sistemas semióticos em funcionamento, a movimentação de corpos e olhares na dinâmica das interações cotidianas” (p. 99), contribuindo para a coconstrução de sentidos pelos interagentes.

Cabe-nos aqui concordar com Bastos (2010) e fazer coro com esta autora para destacar que, em Goodwin (2000), o autor nos mostra como pessoas afásicas podem sim se comunicar, bastando, para isto, os falantes e os ouvintes estarem atentos aos aspectos multissemióticos da linguagem humana no processo de coconstrução da inteligibilidade mútua das ações sociais em que se engajam. E, nesse sentido, o corpo – gestos, olhares, posicionamento corporal – destaca-se como elemento constitutivo da tessitura do significado.

Goodwin (2000) mostrará ainda de que maneira a análise das práticas corporificadas pode revelar-se útil na descrição do modo como arqueólogos constroem conhecimento sobre suas descobertas em uma escavação. Mais recentemente, os trabalhos de Oliveira, Dias e Leite (2019) com pacientes afásicos e de Cruz (2017) com pacientes de Alzheimer corroboraram esse ponto de vista de Goodwin (2000) sobre o caráter fundamental da multimodalidade da língua na expressão da dêixis e, por conseguinte, na formação do significado. Os gestos de apontar, reveladores da *dêixis espacial*, emergem em ambos os casos, tanto na interação entre arqueólogos quanto na interação com afásicos como elementos fundamentais para a produção de entendimento sobre o que está acontecendo no aqui e agora das interações humanas.

Em estudo ainda mais recente, Stuckenbrock (2020) descreve densamente a maneira como o acompanhamento do olhar e o monitoramento do olhar estão a serviço da construção da referência dêitica e da atenção conjunta na ecologia local das interações humanas cotidianas. A autora declara alinhar-se com a tradição de estudos europeus sobre dêixis para defender o

entendimento deste fenômeno como corporificado e interpessoal (p.2). Cabe destacar que o grau de refinamento desta análise parece-nos ter sido viabilizado pelo uso de técnica inovadora para o registro dos dados, qual seja, o uso de óculos de rastreamento ocular móvel, que fornece informações detalhadas sobre, por exemplo, “a localização e a duração da fixação do olhar em um alvo, as mudanças de trajetória do olhar e, por último mas não menos importante, a interação do olhar entre falantes e ouvintes” (p.2)

Nos dados que aqui apresentamos, provenientes de gravações de consultas de teleatendimento fonoaudiológico, pretendemos descrever como o fenômeno da dêixis, presente em expressões verbais ou em ações gestuais, contribui para a coconstrução local de sentidos entre todos os interagentes situados no aqui e agora das consultas analisadas e, em especial, colabora para a produção da fala por um paciente afásico.

A visão multidimensional da linguagem, trazida pelos estudos da AC (Mondada, 2015), vem inscrever em um outro lugar de relevância os estudos sobre a dêixis, já que não se conforma com a análise apenas de expressões linguísticas. Ela vai além disso para defender também e, principalmente, que, apesar de distintos, dêiticos verbais e não verbais estão inter-relacionados na fala-em-interação e cooperam, muitas vezes simultaneamente, para a produção do sentido acerca de nossas ações conjuntas. E é com esta proposta que alinhamos o estudo ora apresentado.

3. O contexto institucional da telefonaudiologia

Em um momento em que o mundo se encontrava imerso em uma situação de pandemia em razão da contaminação de milhares de pessoas pelo novo coronavírus (SARS-Cov-2), sendo a população mundial levada a adotar medidas de isolamento social a fim de evitar o agravamento dessa situação, também no sistema de saúde foi necessária a implementação de medidas de biossegurança (cf. ANVISA, 2020) para prevenir, controlar, reduzir ou eliminar riscos à saúde humana.

No campo da atuação clínica na área de fonoaudiologia, tais medidas foram viabilizadas sobretudo pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia, durante a 45ª Sessão Plenária Extraordinária, realizada no dia 20 de agosto de 2020, que definiu a telefonaudiologia como

o exercício desta profissão, mediado por tecnologias da informação e comunicação (TIC), para fins de promoção da saúde, do aperfeiçoamento da fala e da voz, assim como para a prevenção, identificação, avaliação, diagnóstico e intervenção dos distúrbios da comunicação humana, equilíbrio e das funções orofaciais (RESOLUÇÃO CFFa nº 580, de 20 de agosto de 2020).

Assim sendo, à telefonaudiologia foi delegada a incumbência de complementar e aprimorar os serviços já existentes de modo a contribuir para melhores condições de saúde da população. Cabe fazer constar que, antes da emergência do termo e do conceito de telefonaudiologia pela resolução em vigor mencionada, os serviços fonoaudiológicos de atendimento à distância eram denominados telessaúde em fonoaudiologia.

Acerca da telessaúde, em 2007, o Ministério da Saúde desenvolveu e implementou um projeto-piloto intitulado “Telessaúde Brasil”, cujo objetivo era promover a qualificação das Equipes de Saúde da Família por meio do estabelecimento de nove Núcleos de Telessaúde em instituições de pesquisa e ensino superior, conectados a 100 pontos de Telessaúde, situados em Unidades Básicas de Saúde. Através deste projeto, eram oferecidas atividades de a teleducação, a teleconsulta, a teleconsultoria e ainda a segunda opinião formativa como forma de apoio na resolução de casos clínicos (cf. Lopes et al, 2020; Brasil, 2007; Campos et al, 2008).

O envolvimento da fonoaudiologia nos trabalhos de alguns Núcleos de Telessaúde culminou, após uma série de reuniões dos Conselhos Regionais e do Conselho Federal de Fonoaudiologia, na elaboração da primeira regulamentação de telessaúde em fonoaudiologia no país: a Resolução CFFa nº 366 de 25 de abril de 2009. Tal resolução, de certa forma, trazia, porém, limitações à prática fonoaudiológica uma vez que, ao fonoaudiólogo contatado para o atendimento à distância, cabia apenas emitir uma segunda opinião e prestar um suporte diagnóstico à distância condicionado ao fato de o cliente já ter sido assistido presencialmente por outro fonoaudiólogo.

Em resposta a tal limitação da atuação do fonoaudiólogo em telessaúde, foi publicada a Resolução CFFa nº 427 de 01 de março de 2013, e, por meio dela, expandiu-se o escopo das atividades assistenciais via tecnologia da informação e comunicação, possibilitando ao fonoaudiólogo prestar serviços em saúde tais como: teleconsultoria, segunda opinião formativa, teleconsulta, telediagnóstico, telemonitoramento e teleducação. No entanto, importantes restrições ainda continuavam impostas à prática fonoaudiológica, pois as teleconsultas apenas poderiam acontecer se houvesse um outro fonoaudiólogo presencialmente, além de não ser permitido ao fonoaudiólogo, que se encontrava à distância, realizar avaliações clínicas, prescrições diagnósticas e terapias fonoaudiológicas, limitando-se a sua atuação a ações de apoio diagnóstico e terapêutico, bem como a ações de orientação, esclarecimento de dúvidas e condutas preventivas.

Conforme anteriormente mencionado, foi impulsionado por necessidades impostas pela

situação pandêmica que o atendimento à distância em fonoaudiologia por meios tecnológicos teve seu escopo de atuação clínica ampliado, de modo que o profissional fonoaudiólogo veio a poder exercer ações de avaliação, diagnóstico e terapia à distância amparado pela Resolução CFFa nº 580 de 20 de agosto de 2020 e pela Lei nº 13.989 de 15 de abril de 2020, que sancionou, de maneira inédita, o uso da telemedicina (Brasil, 2020).

Em suma, cabe-nos dizer que, apesar de regulamentada apenas em 2020 e por pressão de uma situação excepcional de saúde pública, a telefonaudiologia

vem sendo defendida há mais de uma década por vários pesquisadores, sociedades científicas e órgãos regulamentadores da profissão, dado o seu potencial para enfrentamento de desafios como o envelhecimento populacional, a crescente demanda por serviços e a escassez e distribuição desigual de profissionais qualificados, assim como as mudanças no contexto do cuidado em saúde, advindas de alterações comportamentais e culturais na sociedade e a introdução de tecnologias disruptivas, dentre outros (LOPES et al., 2020).

4. Aspectos metodológicos

Este estudo foi desenvolvido através da parceria entre duas docentes de Letras e uma docente de Fonoaudiologia de três instituições de ensino superior públicas do Brasil, pesquisadoras do vasto campo da linguagem desde meados da primeira década dos anos 2000. Os dados submetidos à análise fazem parte do banco de dados do projeto de extensão intitulado *Telefonaudiologia em afasias e demências em tempos de isolamento social* e estão vinculados ao projeto de pesquisa *Narrativas como instrumento de investigação clínica das afasias*, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o número CONEP 483.781 e coordenado pela primeira autora.

No projeto extensionista do qual emergiram os dados aqui analisados, foram realizadas teleconsultas semanais com pacientes afásicos por meio da Plataforma Google Meet. As consultas tinham a duração de 45 minutos e eram gravadas através do uso da ferramenta disponibilizada pela própria plataforma para este fim, sob consentimento dos pacientes, declarado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por eles ou por um familiar (caso necessário).

Conforme Goodwin (2000), o uso de tecnologias modernas, tais como vídeo e computador, torna possível examinar repetidamente os corpos, bem como a fala dos participantes na interação, podendo assim, ir além do logocentrismo, atingindo uma ecologia mais ampla de sistemas de signos como neste estudo em que parte da fala do sujeito afásico está abriga em sua linguagem corporal.

Em um dos dias de teleconsulta ao paciente cuja fala (e gestos) em interação é aqui submetida à análise, a proposta terapêutica consistiu na realização de avaliação da linguagem por meio de amostra de fala espontânea e, para isso, foi proposto ao paciente uma conversa sobre pescaria, que era a sua forma de lazer preferida. Durante a teleconsulta, a identificação da grande ocorrência de dêixis no discurso do afásico ao longo de toda a interação mostrou ser este um uso relevante para investigação, a fim de se alcançar um entendimento de como sujeitos afásicos podem lidar com as suas limitações linguísticas.

Os dados gerados nesta teleconsulta foram transcritos de acordo com o modelo de Jefferson (2004) (cf. anexo 1) e submetidos à análise que aqui se apresenta. Nas transcrições, os nomes de todos os participantes foram substituídos por pseudônimos que mantêm sua letra inicial bem como seu número de sílaba. A análise de natureza qualitativa e interpretativista desenvolvida é fundamentada por pressupostos da Análise da Conversa e tem o objetivo de investigar turnos compostos por dêixis realizadas pelo paciente afásico, de modo a buscar compreender como se dava o gerenciamento da intersubjetividade em interações entre fonoaudiólogo e paciente afásico no cenário institucional da telefonaudiologia. Cabe considerar que a unidade de investigação da AC, o turno de fala/ ação, compreende uma Unidade de Construção de Turno (UCT), de modo que os turnos iniciam com a iniciação de uma UCT e finalizam com a sua conclusão. As UCTs são jatos de fala cuja composição ser lexical, clausal, sintagmática ou sentencial (SSJ, 1974), podendo, assim, uma UCT consistir em apenas uma palavra, em frases, em sentenças, em orações, em recursos prosódicos e gestuais ou, até mesmo, em um período temporal de silêncio atribuído a um interlocutor.

Os participantes da interação sob análise são: um homem de 55 anos, cujo pseudônimo é João, acometido por um Acidente Vascular Cerebral em 2021 que o deixou com as sequelas de afasia e hemiparesia (perda parcial da força do braço e da perna) à direita; a coordenadora, docente de fonoaudiologia, cujo pseudônimo é Lúcia; a terapeuta, que é discente de fonoaudiologia e cujo pseudônimo é Juliana; e a esposa do paciente, cujo pseudônimo é Graziela.

A afasia apresentada por João impôs uma limitação à sua expressão verbal, revelada turno a turno, de modo que a sua fala é marcada por diversos momentos de anomia (dificuldade de encontrar a palavra que pretende dizer) e com predomínio de palavras soltas; no entanto, a sua compreensão manteve-se preservada.

5. Análise de dados

A partir de uma entrevista inicial com o senhor João, 55 anos, identificou-se seu grande interesse por pescaria. Diante disso, foi eleito esse tópico para um primeiro momento de interação, que, por sua vez, gerou dados para iniciarmos uma avaliação fonoaudiológica da linguagem oral por meio de amostra de fala espontânea. Com a proposta de uma conversa sobre pescaria, foi iniciada a interação que será aqui analisada da qual fazem parte a terapeuta discente Juliana, a terapeuta docente Lúcia, o senhor João e a sua esposa Graziela.

Juliana iniciou a interação se referindo ao interesse de João por pescaria, que foi por ele confirmado prontamente no turno seguinte. A confirmação de João mostra ser esse um tema relevante para a interação, que prossegue pelos turnos seguintes.

Excerto 1: RILCO, gesto e dêixis atuando na manutenção da intersubjetividade

001 Juliana: senhor joão, o senhor gosta muito de pescar, né↑
 002 João: é, é, é,
 003 Juliana: o senhor leva rede pra pescar?
 004 João: ((movimenta a cabeça para cima e para baixo em
 005 ação de concordância))lêde, lêde, lêde, lêde↓
 006 Graziela: vara↓
 007 João: leva bara, leva bara,=
 008 Juliana: = o senhor leva rede ou vara pra pescar?
 009 João: toda vez↓
 010 Juliana: o senhor leva rede e vara?
 011 João: ((movimenta a cabeça para cima e para baixo em
 012 ação de concordância)) é sim↓ e aí leva pra:
 013 ((aponta o dedo esquerdo para a lateral))
 014 Juliana: e o senhor leva pra onde? o senhor pesca onde?
 015 João: ((aponta o dedo esquerdo para a lateral))ali,
 016 ali,
 017 Juliana: é aí perto de casa?
 018 João: é: um pouquinho↓
 019 Juliana: é na praia que o senhor pesca?
 020 João: não. é aqui. por aqui. ali ói ((aponta o dedo
 021 esquerdo para a lateral))
 022 Juliana: no rio↑
 023 João: ((movimenta a cabeça para cima e para baixo em
 024 ação de concordância))sim, aqui, ((aponta o dedo
 025 esquerdo para a lateral))
 026 Juliana: no rio↓ e o senhor vai com quem? vai sozinho?

No turno das linhas 04 e 05, manifesta-se um comprometimento relativo à estrutura da língua apresentado por João diante de um enunciado composto por gesto associado a uma fala em que há troca do fonema inicial da palavra rede e da repetição deste item lexical (“lêde, lêde, lêde, lêde”). Essas duas manifestações da afasia no discurso oral se repetem na linha 07 (“leva bara, leva bara”), quando João ratifica o reparo da sua fala que a sua esposa havia iniciado e

levado a cabo no turno anterior ao proferir “vara”, tratando-se de um reparo do tipo RILCO (Reparo Iniciado e Levado a cabo pelo Outro). Este tipo de reparo, embora seja um fenômeno raro e despreferido em conversas cotidianas (cf. Sacks, Schegloff e Jefferson, 1977), é de grande ocorrência e não apresenta marcas de despreferência em conversas com afásicos (cf. OLIVEIRA & OLIVEIRA, 2009).

Em um movimento de checagem ao reparo que a esposa de João tinha realizado, Juliana, na linha 08, constrói uma pergunta (“o senhor leva rede ou vara pra pescar?”), cuja resposta apresentada por João na linha 09 (“toda vez”) leva a uma quebra de intersubjetividade da conversa. Diante disso, a ação de Juliana no turno seguinte (linha 10) se configura como uma tentativa de manutenção do entendimento mútuo na interação. Nela, Juliana reformula a sua pergunta (“o senhor leva rede e vara?”) e, no turno seguinte, obtém como resposta uma concordância da parte de João realizada por meio de gesto com a cabeça, movimentando-a verticalmente para cima e para baixo, articulado à fala (“é sim↓”). Acerca dessa articulação do não verbal com o verbal, Mc Neill (1992) defende que um enunciado e o gesto que o acompanha constituem componentes integrados de um mesmo processo subjacente.

Além dessa articulação multimodal⁴, no turno das linhas 11 e 12, também se torna relevante o movimento de João de encerrar um tópico e iniciar outro dentro da conversa sobre pescaria, o que aqui é sinalizado pela descida de entoação após a concordância seguida pela apresentação de um novo tópico - local da pescaria (“é sim↓ e aí leva pra:”). Dando prosseguimento ao novo tópico, João recorre novamente ao gesto como um recurso semiótico em articulação à fala; todavia, na linha 13, ele realiza um gesto de apontar com o dedo indicador para um local de sua casa que ficava na sua lateral, que se configura como uma dêixis, direcionando a atenção do interlocutor para o referente que ele não conseguiu proferir por meios verbais.

A ação de Juliana logo após esse enunciado composto por ações verbais e não verbais demanda uma resposta verbal (“e o senhor leva pra onde? o senhor pesca onde?”, l. 14), e ação dela se justifica pelo seu papel institucional de terapeuta em um processo de avaliação da linguagem oral, que necessita conhecer até onde vão as limitações na estrutura da língua impostas pela afasia ao senhor João. Em resposta à pergunta de Juliana, João, no turno das linhas 15 e 16, novamente recorre ao gesto de apontar com o dedo indicador para um local da sua casa associado à fala (“ali, ali”) na construção do seu turno. Enquanto no turno das linhas 11 e 12 o gesto

⁴ Neste texto, usamos termos como multimodal e multimodalidade ecoando o uso que Charles Goodwin faz desses termos em muitas de suas obras em referência a outros recursos semióticos que compõem o discurso para além da fala.

substituiu a fala, complementando o enunciado, no turno das linhas 15 e 16, o gesto reforçou a fala na construção de um turno multimodal, de modo que ambos (fala e gesto) constituem dêixis espacial (cf. Levinson, 2007). Conforme proposta de Mondada (2015), nessa ocorrência, observamos dêiticos verbais se inter-relacionando com dêiticos não verbais na fala-em-interação, cooperando, simultaneamente, para a produção do sentido.

Podemos considerar que essa estratégia de João de recorrer a gestos para se comunicar diante de suas limitações linguísticas opera na manutenção da intersubjetividade da interação. Vemos, então, entendimentos mútuos colaborativamente conduzidos no turno a turno da interação com a participação ativa do paciente afásico, que recorre a gestos para sustentar esse empreendimento interacional.

Também atuando nesse gerenciamento do entendimento mútuo, na linha 17, Juliana verifica sua compreensão do turno de João (“é aí perto de casa?”) e obtém, no turno seguinte, linha 18, uma confirmação do que compreendeu (“é: um pouquinho↓”). Além disso, podemos considerar que o enunciado de Juliana fornece uma alternativa verbal para o gesto de apontar de João. Observa-se nessas trocas de turno a incorporação das ações verbais da terapeuta e das ações (verbais e não verbais) do afásico na construção do sentido, o que revela a distribuição do falante afásico por vários corpos ao invés de localizado em um único indivíduo (cf. Goodwin, 2010).

Ainda em uma ação que busca por conhecer o local em que o senhor João pescava, Juliana, na linha 19, o questiona sobre o local específico (“é na praia que o senhor pesca?”). Em resposta, no turno das linhas 20 e 21, João recorre novamente a dêixis verbal (“não. é aqui. por aqui. ali ói”) associada à não verbal (gesto de apontar para atrás com o dedo indicador) em um movimento que mostra a sua tentativa de ser compreendido pela terapeuta. Conforme imagem do vídeo, a porta da casa do senhor João fica atrás dele, às suas costas, o que remete ao ambiente externo onde, conforme o paciente, ele pesca..

No turno seguinte, linha 22, Juliana verifica seu entendimento sobre o turno de João (“no rio↑”), que é confirmado por ele, de modo recorrente, através de um turno multimodal em que a fala (“sim, aqui,”) se associa, novamente, a um gesto dêitico de apontar com o indicador o lugar para atrás de si. Em seguida, na linha 26, Juliana fornece uma alternativa verbal ao gesto de apontar de João (“no rio↓”), cedendo seu corpo à fala afásica.

Cabe destacar que, ao longo desse excerto, o sentido foi construído turno a turno em enunciados multipartidários (ou seja, construídos por mais de um participante) e multimodais em

que o afásico recorria a dêixis não verbais e a terapeuta fornecia alternativas verbais aos gestos de apontar, assegurando-se de que entendimentos mútuos estavam sendo interacionalmente alcançados. Conforme bem destaca Bastos (2010, p. 100), “a defesa de uma análise multimodal da ação social cotidiana é introduzida com uma crítica profunda à tradição milenar logocêntrica, isto é, à visão de que a linguagem verbal é central na ação social”.

Após o conhecimento do local em que o senhor João costumava pescar, Juliana deu prosseguimento à conversa com ações de busca de informações adicionais conforme veremos a seguir.

Excerto 2: O afásico falando através da fala do outro; a atuação da terapeuta na sustentação da intersubjetividade; RILCO

031 Juliana: o senhor pesca o quê? caranguejo↑ peixe↑
 032 João: é, isso↓
 033 Juliana: e camarão↑
 034 João: ((movimenta a cabeça para um lado e para o outro
 035 em ação de negação))
 036 Juliana: o senhor quando vai pescar passa o dia todo
 037 pescando? ou vai de manhã e volta logo?
 038 João: vou aqui ((aponto o dedo esquerdo para baixo))
 039 quatro horas, cinco horas,
 040 Juliana: então, o senhor vai de manhã e passa o dia todo↓
 041 João: é, sim↓
 042 Juliana: o que o senhor mais gosta de fazer quando pesca?
 043 ouve música↑ bebe↑
 044 João: não↓ eu tô aqui, aí, eu deixo lá, e vou, só vou↓
 045 ((realiza um gesto com a mão esquerda direcionada
 046 para a lateral sinalizando ir, sair))óí, aqui
 047 ((realiza o gesto de segurar a vara de pescar))
 048 só assim↓ sabe↑ aqui, fica assim↓
 049 Juliana: a::: o senhor só joga a vara e fica esperan::do↑
 050 João: ((mantém o gesto de segurar a vara de pescar))
 051 óí, só aqui, óí, óí, só aqui, <toda hora aqui>,
 052 Juliana: prestando atenção↓
 053 João: ((movimenta a cabeça para cima e para baixo em
 054 ação de concordância))aí, quando ele (dá fim),
 055 aí, puxa ((realiza gesto de puxar a vara de
 056 pescar)), <entendeu>↑
 .
 .
 .
 063 Juliana: tá. então, vamos falar sobre o que o senhor leva
 064 para pegar o peixe↓ o senhor coloca o quê na vara
 065 de pescar?
 066 João: uma bolotinha assim ((realiza gesto de pinça com
 067 dedos))
 068 Juliana: bolotinha↑ isca↑
 069 João: isca. pronto, isso aí ((aponta o dedo indicador
 070 para a terapeuta na tela))
 071 Juliana: o senhor leva a isca, prende na vara,=
 072 João: = e bota lá ((aponta o dedo esquerdo para a
 073 lateral))=

074 Juliana: = mas a isca é o quê↑ é minhoca, é camarão, é o
075 quê↑
076 João: é isso aí((aponta o dedo indicador para a
077 terapeuta na tela))

Em resposta à pergunta de Juliana na linha 31 (“o senhor pesca o quê? caranguejo↑ peixe”), em que ela fornece alternativas possíveis de resposta diante da grande dificuldade do senhor João de elaborar verbalmente seu próprio enunciado, ele recorre novamente à dêixis para construir seu turno na linha 32 (“é, isso↓”), fazendo referência à fala da sua interlocutora como a fala que ele almejava. Desse modo, a fala do falante anterior dialoga com a fala do falante corrente de modo que a primeira é encaixada na segunda (cf. Goodwin, 2010). É interessante observar como essa articulação da fala do outro com a fala do afásico, essa distribuição da fala do afásico por diferentes corpos, segue sustentando a interação em todo o seu curso.

Conforme pôde ser observado até aqui, o discurso do senhor João é marcado pelo uso predominante de dêixis e de gestos. Até mesmo quando o uso de dêixis não contribui para a construção do sentido, ele costuma recorrer a ela, como pode ser verificado nas linhas 38 e 44 no uso da dêixis espacial “aqui”. Na linha 44, ele recorre a dêixis espaciais para compor seu enunciado (“não↓ eu tô aqui, aí, eu deixo lá, e vou, só vou↓”). Nessa ocorrência específica, o uso dos termos dêiticos “aqui” e “lá” não contribuiu para a construção do sentido uma vez que o resultado foi um enunciado ininteligível. Nesse mesmo turno, que se estende da linha 44 à 48, ele se autointerrompe com o uso de um marcador discursivo regional (ói) na linha 46, recorre novamente à dêixis espacial (aqui), o que poderia ser parafraseado por “preste atenção aqui”, dá continuidade ao turno com um gesto de segurar a vara de pescar, finalizando-a na linha 48 (“só assim↓ sabe↑ aqui, fica assim↓”). Todo esse turno foi construído como uma resposta à pergunta de Juliana no turno anterior (“o que o senhor mais gosta de fazer quando pesca? ouve música↑ bebe↑”), que faz referência a costumes regionais.

Embora o senhor João tenha se empenhado na construção do seu turno, seu enunciado da linha 48 tornou relevante uma verificação de entendimento da parte da terapeuta. Nesse sentido, a ação de João mostra como ele opera habilidosamente na fala do outro ao, através do uso de dêixis espacial e temporal “fazê-lo produzir as palavras de que ele precisa, mas que não poderia ele próprio produzir” (Goodwin, 2010). Na construção de um turno de verificação de entendimento, o que é sinalizado pela seta para cima do final do turno, que representa subida da entoação, portanto, contorno entoacional de pergunta neste caso, Juliana profere na linha 49: “a::: o senhor só joga a vara e fica esperan:::do↑”. Em resposta, no lugar em que seria esperado

uma confirmação do entendimento de Juliana, senhor João, na linha 51, produz um enunciado que pode ser interpretado como uma tentativa de explicar como ele fica esperando o peixe (“ói, só aqui, ói, ói, só aqui, <toda hora aqui>,”). Em seguida, na linha 52, Juliana fornece uma interpretação ao turno de João (“prestando atenção↓”), sendo o contorno entoacional do final do turno, agora, descendente.

Após o turno que traz a interpretação de Juliana da fala do senhor João, ele realiza um gesto de concordância com a interpretação através de um movimento vertical com a cabeça para cima e para baixo, o que, de certa forma, inclui a fala da interlocutora no seu enunciado. Após isso, João prossegue acrescentando informações adicionais nas linhas 54, 55 e 56 (“aí, quando ele (dá fim), aí, puxa<entendeu>↑”), inter cruzando fala e gestos e finalizando com uma checagem de entendimento do interlocutor. O gesto fornece uma versão visual do que ele queria dizer, mas não consegue, mostrando a vívida participação de João no turno a turno da conversa. As ações de João demonstram a sua preocupação em se fazer entender e corroboram a sua atuação como colaborador na construção de entendimentos mútuos não obstante as suas limitações acerca da estrutura da língua.

Conforme podemos observar, a terapeuta Juliana atua turno a turno na construção do que está se configurando interacionalmente como um relato sobre pescaria por meio de ações que buscam tanto esclarecimentos como informações adicionais.

Dando continuidade à coconstrução do relato, Juliana, na linha 64 e 65, faz uma pergunta ao senhor João (“o senhor coloca o quê na vara de pescar?”), que é respondida logo em seguida, na linha 65, por meio de discurso verbal (“uma bolotinha assim”) associado ao discurso não verbal, que consistiu em um gesto de pinça com os dedos polegar e indicador, sugerindo referência a algo de tamanho reduzido. Nesta ocorrência, podemos considerar que o gesto ratifica a fala simultaneamente proferida, que é parafraseada por Juliana no turno seguinte, linha 68: “bolotinha↑ isca↑”. Tal paráfrase assume um formato de RILCO, sendo aceita logo em seguida por João ao proferir uma dêixis discursiva na linha 69 (“isca. pronto, isso aí”), apresentada juntamente com o gesto de apontar com o dedo indicador para a tela do computador, portanto, para a terapeuta, que estava do outro lado da tela. A ação de apontar mostra que o foco de atenção passa a ser a fala do interlocutor (cf. Sidnell e Enfield, 2017). Novamente, podemos verificar a fala afásica distribuída por ambos os corpos (o do interlocutor e o do afásico) (cf. Goodwin, 2000) diante da dificuldade do afásico de encontrar a palavra que gostaria de proferir, ação repetida na linha 76 (“é isso aí”) em uma associação de fala e gesto de apontar.

Cabe considerar que as intervenções da terapeuta que se configuram como RILCO sustentam a intersubjetividade na interação na medida em que fornecem, ao afásico, mostras do entendimento da interlocutora acerca da fala dele (cf. Goodwin e Duranti, 1992).

Excerto 3: Associação dêixis espacial e gesto; distribuição da fala afásica por diversos corpos

102 Juliana: então, vamos continuar a conversa da pescaria↓ o
 103 senhor usava a isca, que é a minhoca, e a
 104 bolotinha, que o senhor faz, e coloca na vara de
 105 pescar,
 106 João: é, isso↓
 107 Juliana: pronto. aí, o senhor joga lá e fica esperando↓
 108 como é que o senhor sabe que o peixe chegou e
 109 segurou na isca?
 110 João: é só aqui ((realiza o gesto de segurar a vara de
 111 pescar))
 112 Juliana: fica esperando↑=
 113 João: = na vara aqui, esperando, esperando ((mantém o
 114 gesto de segurar a vara de pescar))
 115 Juliana: mas, como é que sabe que tem peixe ali?
 116 João: vê aqui ((olha para a mão com a qual está
 117 realizando o gesto de segurar a vara de pescar)),
 118 e fica aqui ((realiza gesto de balançar a vara de
 119 pescar))
 120 Juliana: a:: o peixe puxa, ele puxa↓ e quando puxa, o
 121 senhor tira ele do rio, puxando↓
 122 João: é, é, é, isso aí.
 123 Juliana: e o senhor pega esses peixes do rio e coloca
 124 onde? pra trazer pra casa↓
 125 João: aqui, aqui, ((realiza gesto de colocar algo em
 126 algum recipiente, que ele representa com o
 127 braço contrário ao que realiza o gesto de
 128 colocar))
 129 Juliana: o senhor leva uma bolsa e vai colocando os peixes
 130 nessa bolsa?
 131 João: ((repete o gesto de colocar algo em algum
 132 recipiente)) botando, botando, botando↓
 133 Juliana: quando termina o dia, às quatro ou cinco horas da
 134 tarde, o senhor volta pra casa (.) o senhor faz
 135 o quê com os peixes?
 136 João: aí eu vem pra aqui, quando chega aqui ((realiza
 137 gesto de colocar algo estendido sobre uma
 138 superfície))botando, botando, tratando,
 139 tratando, bota ali ((realiza gesto de apontar
 140 para frente))=
 141 Graziela: = geladeira.
 142 Juliana: e o senhor pesca muitos ou poucos peixes?
 143 João: tem dias que é cinco, sete, vinte,
 144 Juliana: entendi↓ se a pescaria for boa, tem muitos, mas
 145 João: se for ruim, tem poucos.
 146 isso, isso↓

Uma vez alcançados os entendimentos mútuos, a interação prossegue e Juliana volta a solicitar informações adicionais sobre a prática de pescaria nas linhas 108 e 109: “como é que o senhor sabe que o peixe chegou e segurou na isca?”. Ao fornecer a informação solicitada, no turno

seguinte, João novamente constrói um turno composto por gesto (de segurar a vara de pescar) associado à dêixis espacial (“é só aqui”). Essa construção associada (dêixis espacial + gesto de segurar vara de pescar) decorrente das limitações da fala do paciente afásico ocorre, também, nas linhas 113 (“na vara aqui, esperando, esperando”) e 116 (“vê aqui”), mostrando-se uma ocorrência recorrente ao longo de todo o relato.

Na finalização da conversa, Juliana profere “e o senhor pega esses peixes do rio e coloca onde? pra trazer pra casa↓” nas linhas 123 e 124. João, por sua vez, constrói seu turno de resposta fazendo uso de dêixis (“aqui, aqui,”) e gesto de colocar algo em um recipiente, linhas 125 - 128. Demonstrando ter compreendido a construção de João, uma vez que não ocorreram intervenções, Juliana prossegue e o questiona sobre o final da pescaria (“quando termina o dia, às quatro ou cinco horas da tarde, o senhor volta pra casa (.) o senhor faz o quê com os peixes?”) – linhas 133 – 135. João, então, em resposta à Juliana, constrói um dos seus maiores turnos do relato, explicando por meio de fala (reduzida e limitada à dêixis) e gestos o destino dos peixes por ele pescado: “aí eu vem pra aqui, quando chega aqui”, gesto de estender os peixes sobre uma superfície, “botando, botando, tratando, tratando, bota ali” e gestos de apontar com o dedo indicador para a geladeira. Conforme destaca Goodwin (2010, p. 91), “por si só, a fala e o gesto de apontar são incompletos”; no entanto, no gesto de apontar, temos formas de expressão, de caráter dêítico, desse ato linguístico não verbal (Sidnell e Enfield, 2017) significativo. As análises aqui desenvolvidas mostraram que os interlocutores do afásico, sobretudo a sua terapeuta, atuaram colaborativamente no alcance da completude do seu enunciado.

Considerando o aspecto do macro contexto sociocultural da região em que vive João, que usa a expressão “tratar os peixes” como referência a “retirar as vísceras dos peixes”, a fala de João pode ser parafraseada como: eu venho para a casa, estendo os peixes sobre a pia, retiro as suas vísceras e guardo-os na geladeira. Para que tal paráfrase seja concebida como procedente, cabe considerar que i) a consulta fonoaudiológica estava acontecendo por teleatendimento e João estava em sua casa, ancorada referencialmente por ele através do uso da dêixis “aqui”; ii) ele retira as vísceras do peixe em alguma superfície na cozinha, possivelmente a pia, pois apontou para a geladeira; iii) no nordeste, ao menos na região em que João vive, é muito comum o uso dessa expressão “tratar os peixes”. Por fim, no final da interação, outro corpo cedeu lugar à fala do afásico João, uma vez que foi sua esposa que apresentou um referente para o seu gesto de apontar na linha 141 (“geladeira”). Assim como no estudo de Goodwin (2010), aqui também a fala do afásico abarca uma série de campos semióticos bastante diferentes, incluindo a sua própria

fala, a fala do outro, seus gestos e a organização espacial de seus arredores, no que consiste a multimodalidade da ação humana.

Podemos concluir que temos aqui, em diversos turnos, corroborada a tese de Goodwin (2000) do falante afásico distribuído por múltiplos corpos. Segundo o autor, a interação é o locus desse processo de corporificação, que conta com a colaboração reflexiva entre os participantes de uma ação social. Ademais, não podemos nos furtar de colocar como extremamente relevante o engajamento do interlocutor nesse empreendimento de manutenção da intersubjetividade na interação, uma vez que é a convergência entre falantes e seus interlocutores que coproduzem a realidade social/ interacional (cf. Schegloff, 1992).

Considerações finais

Este artigo assumiu a tese de Charles Goodwin da corporificação como um fenômeno social, fazendo intervir nas análises a multimodalidade impregnada na comunicação humana assim como conduta de praxe do autor.

Os dados mostraram que a pretensão logocêntrica de uma sintaxe rica não exclui apenas ações importantes, mas também falantes (Goodwin, 2010), e que um olhar para a fala estruturalmente limitada de afásicos em associação a recursos multimodais aos quais eles recorrem para se comunicar pode auxiliar o analista da conversa a compreender fenômenos de seu interesse.

Aqui, o afásico falou por meio do seu corpo e do corpo do outro, usou a linguagem que lhe restara para se comunicar com seus interlocutores, recorrendo diversas vezes a dêixis, que o auxiliou no trabalho interacional de construção de sentidos e, por conseguinte, de manutenção da intersubjetividade no turno a turno da interação social na qual se engajou. Podemos considerar que o uso de dêixis se configurou aqui como uma estratégia de compensação/ adaptativa (à lesão neurológica), uma vez que, diante das limitações da sua fala, o afásico recorreu a essa construção para se expressar por meios verbais e não verbais. De modo habilidoso, ele recorreu a um tipo de construção que, embora seja expressa por apenas uma palavra, o seu uso traz consigo todo um contexto interpretativo que ultrapassa a expressão verbal. Desse modo, ele disse muito mais do que, de fato, proferiu.

Ademais, ao recorrer à dêixis, o afásico, conforme defendem Sidnell & Enfield (2017), direcionou a atenção para si, para os seus gestos, sinalizando os elementos relevantes para entendimento do seu discurso. Habilidosamente, o afásico orientava as interpretações dos seus

interlocutores, garantido o sucesso da comunicação. Tudo que aqui se revelou vai ao encontro da visão dos autores de que a dêixis é uma propensão humana instintiva i) para realizar ações intencionais dirigidas a um objetivo específico bem como ii) para direcionar a atenção dos interlocutores. Cabe destacar que esta capacidade⁵ pode não ser violada por lesões neurológicas que afetam o processar da linguagem.

Bibliografia:

ANVISA. Definição de Biossegurança. Disponível em: <http://portal.anvisa.gov.br/sangue/conceitos-e-definicoes>. Acesso em: 10/08/2020.

AUSTIN, J. *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990 [1962]. 136p.

BASTOS, L. C. Interação, múltiplas semioses e corpo: uma interlocução com Charles Goodwin. *Calidoscópio*, 8(2):99-102. 2010

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria no. 35 de 04 de janeiro de 2007. Institui, no âmbito do Ministério da Saúde, o Programa Nacional de Telessaúde. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 144, n. 4, p. 85-86, 5 jan. 2007. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=05/01/2007&jornal=1&pagina=85>. Acesso em: 14/06/22.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria no. 1.059 de 04 de julho de 2005. Destina incentivo financeiro para o fomento de ações de redução de danos em Centros de Atenção Psicossocial para o Álcool e outras Drogas - CAPSad - e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 142, n. 127, p. 41-42, 5 jul. 2005. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=41&data=05/07/2005>. Acesso em: 14/06/22.

CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA. Resolução CFFA no. 580, de 20 de agosto de 2020. Dispõe sobre a regulamentação da Telefonaudiologia e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 158, n. 163, p. 131, 25 ago. 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/resolucao-cffa-n-580-de-20-de-agosto-de-2020-273916256>. Acesso em: 14/06/22.

CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA. Resolução no. 427, de 1º de março de 2013. Dispõe sobre a regulamentação da Telessaúde em Fonoaudiologia e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 150, n. 43, p. 158, 5 mar. 2013. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=05/03/2013&jornal=1&pagina=158>. Acesso em: 14/06/22.

CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA. Resolução n.o 366, de 25 de abril de 2009. Dispõe sobre a regulamentação do uso do sistema Telessaúde em Fonoaudiologia. Brasília, DF: Conselho Federal de Fonoaudiologia, 2009. Disponível em: https://www.fonoaudiologia.org.br/resolucoes/resolucoes_html/CFFa_N_366_09.htm. Acesso em: 14/06/22.

⁵ O termo capacidade está aqui sendo utilizado a partir de uma perspectiva não-internalista que entende a competência como prática, constituída em meio às variadas ações humanas, em oposição à visão de competência como faculdade mental individual (sociais, pragmáticas, comunicativas, discursivas, intersubjetivas etc.) (cf. Morato, 2008).

- CRUZ, F. M. Interação corporificada: multimodalidade, corpo e cognição explorados na análise de conversas envolvendo sujeitos com Alzheimer. *Alfa, Rev. Linguística*, **61**(1): 55-80. 2017.
<https://doi.org/10.1590/1981-5794-1704-3>
- BENVENISTE, É. *Problèmes de Linguistique Générale I*. Paris, Éditions Gallimard, 1966. 356p.
- BORGES, M. L.; OSTERMANN, A. C. As divergências na orientação dos participantes no processo de construção de intersubjetividade e suas consequências no processo decisório. *Veredas*. **Vol. 16**: 185-196. 2012.
- CABRAL, A. L. T.; SANTOS, L. W. Dêixis pessoal e verbos na construção de um objeto de discurso argumentativamente orientado. *Conexão Letras*. **11**(15): 25-40. 2016.
<https://doi.org/10.22456/2594-8962.65800>
- CAMPOS, F. E. et al. The National Telehealth Program in Brazil: an instrument of support for primary health care. *Latin Am J Telehealth*, **1**(1):39-52. 2009.
- COULON, Alain. *Etnometodologia*. Petrópolis, Vozes, 134p. 1995.
- FONTES, V. F. M. *Dêixis e Construal: uma abordagem cognitivista das formas 'nós' e 'a gente'*. Rio de Janeiro, RJ. Tese de Doutorado – UFRJ / FL / Programa de Pós-Graduação em Linguística, 252 p. 2017.
- GARCEZ, P. de M. A perspectiva da Análise da Conversa Etnometodológica sobre o uso da linguagem em interação social. In: L. L. LODER; N. M. JUNG (Org.). *Fala-em-interação social: uma introdução à Análise da Conversa Etnometodológica*. Campinas, Mercado das Letras. 2008. p. 17-38.
- GARCEZ, P. M.; LODER, L. Reparo iniciado e levado a cabo pelo outro na conversa cotidiana em português do Brasil. *D.E.L.T.A.*, **21**(2):279-312. 2005.
- GARFINKEL, H. Estudos de etnometodologia. Vozes, 376p. 2018 [1967].
- GOODWIN, C. Multimodalidade na interação humana. *Calidoscópico*, **8**(2):85–98. 2010.
- GOODWIN, C. Action and embodiment within situated interaction. *Journal of Pragmatics*, **32**(10):1489-1522. 2000.
- GOODWIN, C.; DURANTI, A. Rethinking context: an introduction. In: A. DURANTI; C. GOODWIN (orgs.), *Rethinking context: Language as an interactive phenomenon*. Cambridge, Cambridge University Press, 1992. p. 1-42.
- HERITAGE, J. *Garfinkel and Ethnomethodology*. Cambridge, Polity Press, 344 p. 2007 [1991].
- JEFFERSON, G. Glossary of transcript symbols with an introduction. In: G. H. LERNER, G. H. (ed.), *Conversation Analysis: Studies from the First Generation*. Amsterdam, John Benjamins, 2004. p. 13–31. Disponível em: <https://liso-archives.liso.ucsb.edu/Jefferson/Transcript.pdf>
- LOPES, A. C. et al. *Diretrizes de Boas Práticas em Telefonaudiologia*. Bauru: Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo; Brasília: Conselho Federal de Fonoaudiologia, 2020. v.1, 95 p. 2020. Disponível em: https://www.fonoaudiologia.org.br/wp-content/uploads/2020/09/CFFa_Diretrizes_Boas_Praticas_Em_Telefonaudiologia_VOL1_2020-1.pdf. Acesso em: 14/06/22
- JEFFERSON, G. On exposed and embedded corrections in conversation. In: G. BUTTON; J. LEE (orgs.), *Talk and social organization*. Clevedon, Multilingual Matters, 1987. p. 86-100. LEVINSON, S. *Pragmática*. São Paulo, Martins Fontes, 548p. 2007.

- MCNEILL, D. *Hand and mind: What gestures reveal about thought*. University of Chicago Press, 423p. 1992.
- MONDADA, L. Social Interaction. In: F. DA MILANO; K. JUNGBLUTH. *Manual of Deixis in Romance Languages*. Frankfurt, De Gruyter, 2015. p. 661-683.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: M. M. CAVALCANTE; B. B. RODRIGUES; A. CIULLA (org.). *Referenciação*. São Paulo, Contexto, 2003. p.17-52.
- OLIVEIRA, L. M.; DIAS, J. G.; LEITE, I. S. Alinhando à tese de Charles Goodwin: “o afásico é um falante competente que não pode falar”. *Linguagem & Ensino*, 22(1): 310-336. 2019.
- OLIVEIRA, L. M.; DIAS, J. G. O auto-reparo como estratégia adaptativa na fala em interação de um sujeito afásico. *Linguagem em (Dis)curso*. 18: 49-68. 2018.
- OLIVEIRA, L. M.; ANDRADE, L. M. Reformulações da fala afásica no curso da narração no contexto institucional de consulta fonoaudiológica. *Calidoscópico*, 14: 531-542. 2016.
- OLIVEIRA, L. M. Olhando para as trajetórias de reparo em um relato de procedimento realizado por uma pessoas com afasia durante uma conversa face a face. *Cadernos de IL*, 38: 64-87. 2011.
- OLIVEIRA, L. M.; OLIVEIRA, M. M. Preferência por discordâncias em casos de auto-depreciação: analisando conversas de pessoas com afasia. *Domínios de Linguagem*, 5: 61-89. 2009.
- OSTERMANN, A. C.; GARCEZ, P. M. Conversation Analysis in Brazil and talk-in-interaction in Portuguese. *Calidoscópico*, 19(2): 143–151. 2021.
- SACKS, H. On the preferences for agreement and contiguity in sequences in conversation. In: G. BUTTON; J. R. E. LEE (eds.), *Talk and Social Organization*. Clevedon, Multilingual Matters, 1973. p. 54-69.
- SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. *Revista Veredas de Estudos Lingüísticos*, 7(12):01-67. Tradução do original: A Simplest Systematics for the Organization of Turn Taking for Conversation. *Language*, 50(4):696-735. 2005 [1974].
- SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. The preference for self-correction in the organization of repair in conversation. *Language*, 53(2):361-382. 1977.
- SCHEGLOFF, E. Repair After Next Turn: The Last Structurally Provided Defense of Intersubjectivity in Conversation. *American Journal of Sociology*, 95(5):1295-1345. 1992.
- SCHEGLOFF, E. *Sequence Organization*. Los Angeles, University of California, Los Angeles, Department of Sociology (mimeo). 1995.
- SCHIFFRIN, D. *Approaches to discourse*. Massachusetts, Blackwell Publishers, 470 p. 1994.
- SCHUTZ, A. *Collected Papers*, vol. 1. Edited by Arvid Brodersen. The Hague, Martinus Nijhoff, 361p. 1962.
- SIDNELL, J.; ENFIELD, N. J. Deixis and the interactional foundations of reference. In: Y. HUANG (ed.), *The Oxford Handbook of Pragmatics*. Oxford, UK, Oxford University Press. 2017.
- STUKENBROCK, A. Deixis, Meta-Perceptive Gaze Practices, and the Interactional Achievement of Joint Attention. *Frontier in Psychology*. v. 11: 1-23. 2020.
- TRAUGOTT, E.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge, Cambridge University Press,

364p. 2002.

WILKINSON, R. Conversation and aphasia: advances in analysis and intervention, *Aphasiology*, 29:3, 257-268. 2015.

WILKINSON, R. Intervening with Conversation Analysis in speech and language therapy: Improving aphasic conversation. *Research on Language and Social Interaction*, 47(3):219-238. 2014.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*. São Paulo, Nova Cultura, 350p. 1999[1952].

Anexo 1

Convenções de Transcrição

[colchetes]	fala sobreposta
(.)	micropausa
=	contiguidade entre a fala de um mesmo falante ou de dois falantes distintos
.	descida de entonação
?	subida de entonação
,	entonação contínua
:	alongamento de som
-	auto-interrupção
<u>Sublinhado</u>	acento ou ênfase de volume
MAIÚSCULA	ênfase acentuada
↑	subida acentuada na entonação
↓	descida acentuada na entonação
>palavras<	fala comprimida ou acelerada
<palavras>	desaceleração da fala
(())	comentários do analista
(palavras)	transcrição duvidosa
()	transcrição impossível

Convenções elaboradas por Gail Jefferson e publicadas em Sacks, Schegloff e Jefferson (1994).